

Desenvolvimento industrial e impacto socioambiental: a percepção de moradores de Volta Redonda sobre a CSN

Josiane Tolêdo e Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
jojo-toledo@hotmail.com

André Yves Cribb
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
andre.cribb@embrapa.br

Resumo:

Este estudo preocupa-se em analisar a percepção dos moradores da cidade de Volta Redonda sobre a Companhia Siderúrgica Nacional, considerando os aspectos do desenvolvimento industrial e do impacto socioambiental gerados pelas atividades da CSN na cidade de Volta Redonda. Seus argumentos se fundamentam no processo de industrialização que deu origem aos grandes problemas ambientais atuais e desenvolveu-se ao longo do tempo através de uma relação social de dependência, bem como, os principais fatores de mudança da sociedade que alteraram a relação do ser humano com o meio ambiente de forma a afetar suas condições de vida e das gerações seguintes, buscando respaldo histórico para a melhor compreensão das questões atuais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, considerando as contribuições de autores como Karl Polanyi, A. Gerschenkron, Michele Cangiani, Karl Marx, dentre outros, que embora tenham suas obras voltadas ao estudo dos processos e dos sistemas econômicos, contribuíram consideravelmente para a compreensão deste processo de mudança do trato do homem com o seu meio natural, ao descreverem os novos cenários desenvolvidos a partir do início da industrialização. Dentro de uma abordagem descritiva qualitativa, agregou-se uma coleta de dados através da técnica de questionário com a finalidade de avaliar a percepção dos moradores sobre a CSN. Concluiu-se que a percepção negativa está ligada a questão ambiental e é mais homogênea entre os moradores mesmo nos casos em que há dependência econômica com a Siderúrgica.

Palavras-chave: Gestão ambiental. Meio ambiente. Industrialização. Companhia Siderúrgica Nacional.

1. Introdução

O presente artigo tem como tema a origem dos problemas ambientais perante o processo de industrialização, bem como os impactos apurados a partir do desenvolvimento deste processo, as mudanças bruscas ocorridas no meio ambiente que perduram até os dias atuais e que são fruto dos processos de produção em massa, potencializadas pelo consumismo ocasionado pelo capitalismo.

Assim, algumas das questões que norteiam este trabalho são a mudança no cotidiano das famílias a partir de suas novas atividades de trabalho, a mudança na forma de subsistência do ser humano, o desenvolvimento da indústria e das sociedades, os fatores de impacto do capitalismo sobre as condições de vida humana e as dificuldades das grandes indústrias para se adequarem à legislação ambiental atualmente.

A relação entre o homem e o meio ambiente se modificou ao longo dos anos de acordo com a evolução das atividades humanas, sendo que estas tiveram resultados significativos a

partir do desenvolvimento das atividades industriais. Tais mudanças tiveram impactos em níveis globais e alteraram a vida em todo o planeta, sugerindo reflexões e alterações de comportamento para o momento atual. Assim, refletir sobre o início dessa transformação pode ajudar a compreender esse processo que agora caminha no sentido da conscientização e da preocupação com a preservação.

Com a grande repercussão mundial que as questões ambientais alcançaram, criou-se um grande impasse envolvendo a conscientização sobre a escassez dos recursos naturais potencializada pelo consumismo e o interesse das grandes indústrias que dependem destes recursos em seus processos de produção. Atualmente, este tema tem sido discutido a exaustão, gerando inúmeras convenções, conferências, acordos e documentos ao redor do mundo.

Compreender os detalhes do início do processo de industrialização e as rupturas causadas que se transformaram num caminho sem volta para a sociedade, faz-se necessário para melhor avaliar o porquê de tamanha resistência do ser humano em repensar seu próprio comportamento e seu relacionamento com o planeta, bem como a morosidade e complacência de suas ações apesar de diversos estudos apontarem que o planeta não consegue mais se regenerar e suprir as demandas impostas no ritmo acelerado que o é exigido.

Assim, este trabalho tem como objetivo central analisar a percepção dos moradores da cidade de Volta Redonda sobre a Companhia Siderúrgica Nacional no que tange a relação de dependência histórica da cidade com a Siderúrgica, que é a grande provedora de empregos da região, mas também é constante foco de matérias nos jornais regionais por descumprimento à legislação ambiental.

Para tanto, pretende-se uma reflexão sobre como se originaram tão profundas mudanças que perduraram e se intensificaram com o passar dos anos e hoje consistem em grandes transtornos ao meio ambiente. Hoje, observam-se intermináveis batalhas judiciais que contrapõem interesses de grandes indústrias e determinações legais, por vezes não alcançando um acordo satisfatório do ponto de vista ambiental, pois em alguns casos, torna-se mais viável para a indústria pagar uma multa do que alterar um processo complexo e custoso de produção.

Neste contexto, a pesquisa bibliográfica foi realizada através de análise de materiais publicados na literatura, bem como artigos científicos que discutem a temática. Visando alcançar os objetivos deste estudo e maior profundidade, foi elaborado um questionário semiaberto, aplicado através da técnica de saturação.

2. Fundamentação teórica

2.1. A transformação do mercado e a Revolução Industrial

A princípio, o homem preocupava-se apenas em produzir o necessário para sua subsistência e de sua família, assim sua produção era restrita às suas condições e o pouco excedente desta tornava-se moeda de barganha nos mercados regionais para que nenhum produto básico lhe faltasse, fomentando uma troca saudável entre os vizinhos de povoado.

O produto do trabalho é, em todas as condições sociais, objeto de uso, mas o produto do trabalho só é transformado em mercadoria numa época historicamente determinada de desenvolvimento: uma época em que o trabalho despendido na produção de uma coisa útil se apresenta como sua qualidade “objetiva”, isto é, como seu valor (MARX, 2013, p. 192).

Marx (2013, p. 206) esclarece ainda que a forma-mercadoria tem seu caráter misterioso, pois reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são

naturais a essas coisas e, assim refletem também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores e desta forma os produtos do trabalho se tornam mercadorias.

À medida que a população foi crescendo e se desenvolvendo, estes mercados também foram se expandindo e se tornando mais variados e interessantes na forma de comércio de mercadorias. Polanyi (2000, p. 75) define que os mercados passaram a ser mais numerosos e importantes a partir do século XVI e que sob o sistema mercantil, eles se tornaram a grande preocupação dos governos.

Houve também a transição do valor de negociação das mercadorias no comércio, da barganha e troca para a troca em ouro, posteriormente para a moeda em ouro e finalmente da moeda em ouro para o dinheiro. Assim, a função do dinheiro como meio de circulação deriva sua figura como moeda e a fração de peso do ouro representada no preço ou na denominação monetária das mercadorias deve se defrontar com estas na circulação como peças ou moedas de ouro de mesmo nome (MARX, 2013).

A movimentação do dinheiro, e não mais de mercadorias, tornou o mercado mais atrativo para investidores e para os governantes, além de ocasionar o surgimento de algumas funções específicas do ramo como especuladores, agiotas e intermediadores, dentre outros. Assim este mercado foi se delineando em seus contornos próprios, sofrendo as influências do momento político e econômico da época. Cangiani (2012, p. 19) enfatiza que “com efeito, o dinheiro torna-se o meio da vida do dia a dia e o meio das relações sociais. Com medida de quão bem-sucedida é uma atividade econômica, ele se transforma no objetivo dessa atividade”.

Polanyi (2000) destaca que neste período do desenvolvimento do mercado na Inglaterra, a intervenção do governo deu-se de forma expressiva através dos cercamentos de terra instituídos através de lei para aumentar a criação de ovelhas e posteriormente a produção de lã para a venda no comércio. O ato de o governante priorizar as pastagens em detrimento dos pequenos produtores impulsionou a produção de lã e a expansão comercial inglesa, mas também retirou os pequenos produtores de suas terras, fazendo com que estes se tornassem mão de obra barata no mercado, aumentando a miséria e a violência no local.

Os cercamentos foram chamados, de uma forma adequada, de revolução dos ricos contra os pobres. Os senhores e os nobres estavam perturbando a ordem social destruindo as leis e os costumes tradicionais, às vezes pela violência, às vezes por pressão e intimidação. Eles literalmente roubavam o pobre na sua parcela de terras comuns, demolindo casas que até então, por força de antigos costumes, os pobres consideravam como suas e de seus herdeiros. O tecido social estava sendo destruído; aldeias abandonadas e ruínas de moradias humanas testemunhavam a ferocidade da revolução, ameaçando as defesas do país, depredando suas cidades, dizimando sua população, transformando seu solo sobrecarregado em poeira, atormentando seu povo e transformando-o de homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões (POLANYI, 2000, p. 53).

Este evento, embora restrito a esta determinada localidade, pode equiparar-se a uma pequena amostra do que viria a ser o estrago produzido pela Revolução Industrial, não só em termos ambientais, mas também sociais. Segundo Polanyi (2000, p. 58) “escritores de todas as opiniões e partidos, conservadores e liberais, capitalistas e socialistas, referiam-se invariavelmente às condições sociais da Revolução Industrial como um verdadeiro abismo de degradação humana”.

Sem precedentes, a industrialização avançou trazendo o progresso, emprego e desenvolvimento para diversos países. Porém, a então nova realidade do glorioso e promissor

“progresso” tinha um preço a ser cobrado futuramente. “A extensão das oportunidades apresentadas pela industrialização varia, é claro, conforme a dotação de recursos naturais de cada país” (GERSCHENKRON, 2015, p. 70).

Desde o início estava bastante clara a ligação profunda de dependência entre o desenvolvimento industrial e a dotação de recursos naturais local.

Na verdade, a produção das máquinas numa sociedade comercial envolve uma transformação que é da substância natural e humana da sociedade em mercadorias. Embora fantástica, a conclusão é inevitável – nada menos do que isto servirá os seus propósitos. Obviamente, a desarticulação causada por tais engenhos deve desorganizar as relações humanas e ameaçar de aniquilamento o seu habitat (POLANYI, 2000, p. 61).

Com o início do processo de industrialização, desenhou-se um cenário extremamente conturbado e de intensas mudanças nos centros urbanos. A produção passou a exceder o necessário, o governo passou a interferir no mercado, os recursos naturais foram destinados aos processos de produção, as cidades cresciam desordenadamente, ocorriam relações abusivas de patrões com seus operários, o índice de violência urbana era crescente em virtude do desemprego, o homem perdeu o domínio dos processos de produção que detinha quando era artesão, muitas famílias rurais foram desconstruídas pela esperança do emprego nos centros urbanos, ocasionando rupturas sociais e ambientais profundas. Dardot e Laval (2016, p. 41) salientam que essa “nova pobreza”, gerada no ciclo dos negócios, deveria ter sido respaldada por medidas de proteção coletiva e segurança social.

Ocorre que essa visão não estava clara naquele primeiro momento. No início do processo de industrialização, somente suas virtudes foram vislumbradas. Era o progresso que se aproximava e nenhum país queria estar à margem desse desenvolvimento. Marx (2013, p. 114) define que o país industrialmente mais desenvolvido apresentaria ao menos desenvolvido a imagem de seu futuro.

Porém, nem todos os países estavam aptos a receber e proceder a este progresso, fosse por não possuir mão de obra suficientemente qualificada ou por não dispor dos recursos naturais necessários ou condições climáticas favoráveis ou até mesmo por alguma questão política.

Neste sentido, alguns países ficaram no atraso do desenvolvimento industrial:

O desenvolvimento industrial da Dinamarca pode servir de exemplo. Esse país ainda era bastante atrasado no início da segunda metade do século XIX, mas, mesmo assim, não experimentou nenhum surto repentino de industrialização e nenhuma ênfase peculiar na indústria pesada. As razões disso devem ser buscadas na escassez de recursos naturais e nas enormes oportunidades agrícolas que eram inerentes à proximidade do mercado inglês (GERSCHENKRON, 2015, p. 79).

Desta forma, a industrialização e o sonhado progresso estavam totalmente entrelaçados ao uso dos recursos naturais indiscriminadamente. Não havia qualquer preocupação senão a de aproveitar da melhor maneira possível os recursos naturais disponíveis. Assim, o trabalho é visto como um processo entre o homem e a natureza, pelo qual o homem por sua própria ação medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza, além de se confrontar com a matéria natural como com uma potência natural para se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, que põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos e age sobre a natureza externa, modificando-a por meio desse movimento, ele modifica também ao

mesmo tempo, sua própria natureza e desenvolve as potências que nela florescem e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013).

Marx (2013, p. 328) ainda ressalta que “a terra (que, do ponto de vista econômico, também inclui a água), que é para o homem uma fonte originária de provisões, de meios de subsistência prontos, preexiste, independentemente de sua interferência, como objeto universal do trabalho humano”.

Com os contornos bem definidos do que é urbano e o que é rural, o que é agrário e o que é tecnológico, o mercado passou a ter “vida própria”, passou a funcionar de forma autônoma.

A produção dependia de grande quantidade de fomento para justificar seus custos, tanto quanto dependia de um forte esquema para ser escoada após ser produzida, ou seja, a produção industrial demandava alguns fatores para acontecer e consequentemente gerar lucro. Desta forma, o lucro não estava garantido, nem mesmo os meios para se produzir estavam, logo o mercado tornou-se um sistema econômico, pois dependia de diversos fatores para seu perfeito funcionamento. Polanyi (2000, p. 60) define que “a transformação da economia anterior para esse sistema é tão completa que parece mais a metamorfose de uma lagarta do que qualquer alteração que possa ser expressa em termos de crescimento contínuo e desenvolvimento”.

Cangiani (2012, p. 15) esclarece que em quase todas as sociedades existiram os mercados locais, o comércio exterior e a moeda. Mas o sistema de mercado é bem diferente disso, como forma de organização social, e coincide com o capitalismo.

Todo esse sistema econômico é complexo, visivelmente dependente dos segmentos que o compõe e amplamente conectado, discorrendo grande interesse por detrás de qualquer decisão tomada, principalmente no que tange as decisões políticas. Dardot e Laval (2016, p. 65) explicam que todo desequilíbrio ligado ao funcionamento do mercado ameaça a sociedade que está submetida a ele. Assim, a inflação, o desemprego, a crise de crédito internacional, o crash financeiro, todos esses fenômenos econômicos atingem diretamente a sociedade e, portanto, exigem defesas política.

Teria então a industrialização transformado o mercado, a economia, a política, a natureza, a sociedade e tantos outros segmentos da vida cotidiana no planeta num caminho sem retorno? De fato a industrialização floresceu o capitalismo e acelerou de forma assustadora o consumismo, contrapondo a defesa de interesses maiores por detrás dos bastidores, afinal o aumento do consumo tem como consequência sérios resultados de degradação ambiental, porém estimula a produção e gera emprego (Oliveira e Cândido, 2010).

2.2. Industrialização no Brasil: o exemplo da CSN

Diante desta cadeia de interesses, por vezes a intervenção do governo faz-se necessária para não deixar que um segmento da economia desequilibre o sistema econômico. Não foi diferente no caso do desenvolvimento industrial do Brasil, onde, na região do Médio Paraíba o governo promoveu a sustentação da Companhia Siderúrgica Nacional por um longo período até a sua privatização na década de 90.

O município de Volta Redonda está localizado na microrregião do Médio Paraíba no Sul Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Emancipado em 17 de julho de 1954, o município possui uma área territorial de 182.105 km² e população de aproximadamente 260.180 pessoas (PORTALVR, 2018).

A Companhia Siderúrgica Nacional foi criada através de decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas em 09 de abril de 1941, foi oficialmente inaugurada em outubro de

1946 e na década de 90 passou por processo de privatização, sendo sua capacidade de produção 5,8 milhões de toneladas de aço por ano (CSN, 2016).

Bezerra (2017, p. 375) explica que “o período desenvolvimentista brasileiro havia legado a Volta Redonda e seu entorno, portanto, um caráter escalar eminentemente “nacional”. Desde sempre, o aço produzido localmente fazia parte de uma geoestratégia de sustentação da indústria brasileira a partir da oferta de matérias-primas baratas”.

Neste contexto, a CSN garantiu desenvolvimento para a cidade e seu entorno, fortalecendo os laços de dependência da população com a Siderúrgica, grande geradora de empregos da região, mesmo após sua privatização.

Há seis décadas, a CSN vem concentrando o volume de sua atividade siderúrgica no município de Volta Redonda e interferindo na produção e reprodução do espaço. Ao longo de todo este período, a Companhia foi responsável pela definição da morfologia do espaço desta antiga *company town* e se encarregou de orientar as perspectivas de crescimento econômico da cidade, ainda hoje praticamente condicionadas às determinações da empresa, a seus interesses e suas necessidades (LIMA, 2013, p. 43).

Os efeitos hoje conhecidamente nocivos ao meio ambiente e a saúde dos seres vivos de todo esse processo de industrialização e desenvolvimento, e que somente se agravaram com o passar dos anos, demoraram em demasia a serem percebidos pela sociedade, como ocorrido em outros lugares do mundo. As ações de combate a estes efeitos ainda começam a ser discutidas e efetivadas na região e sua cobrança acontece de forma muito lenta, visto que esbarra em muitos entraves, tanto legais quanto de interesses particulares.

Nos últimos anos, a Companhia Siderurgia Nacional vem colecionando multas por crimes ambientais e enfrenta sérias questões quanto ao não cumprimento de várias determinações da legislação ambiental as quais a Companhia não tem conseguindo se adequar, apesar de tentar negociar prazos para tais adequações, é recorrente o nome da siderúrgica nos jornais regionais sempre pelo mesmo motivo: aplicação de multas ambientais.

No início de dezembro de 2017, a notícia da determinação do fechamento da Usina caiu como uma bomba em Volta Redonda. Três órgãos ambientais ligados ao governo do estado, em conjunto, determinaram que a empresa paralisasse as atividades e apresentasse um cronograma de encerramento das operações num prazo de 10 dias. Houve forte pressão política e a Comissão Estadual de Controle Ambiental (Ceca) prorrogou por 180 dias a liberação da licença (FOLHA DO AÇO, 2018, p. 6).

É perceptível que a complexidade do problema vai muito além da questão da adequação ambiental, é também social, pois afeta a saúde das pessoas que moram ao redor da siderúrgica e convivem com a poluição do ar e sofrem com a qualidade da água do rio Paraíba do Sul que cruza todas as cidades do Vale do Paraíba, afetando assim, todo o ecossistema local em sua fauna e flora.

Segundo o jornal Folha do Aço (2018, p.6), a CSN foi notificada em 21 de junho de 2018 “pelo Inea para que reduzam a pilha de escória que está fora de controle no Brasilândia e outros cinco bairros de Volta Redonda”. Ainda de acordo com o jornal, a área citada afeta 15 mil moradores que se queixam de problemas respiratórios e alergias.

A questão é social também porque existe a dependência dos empregos gerados, pois há um número considerável de famílias que dependem da usina para sobreviverem, portanto, a paralisação das atividades da siderúrgica teria efeitos no mínimo desastrosos para a economia não só da cidade, mas para toda a região Sul Fluminense.

Este último fato, faz com que muitos cidadãos se posicionem a favor da siderúrgica e de seu pleno funcionamento, ainda que isso tenha alguma implicação nociva ao meio ambiente. Para Volta Redonda, a decisão representaria uma enorme redução em seu nível de atividade econômica e arrecadação de impostos, sem falar em aproximadamente 22 mil empregos na própria siderúrgica e em empresas terceirizadas, que seriam fechados (DIÁRIO DO VALE, 2017).

A busca por soluções para minimizar os impactos ambientais deve procurar mobilizar e contar com o envolvimento de todos, pois afeta a vida de todos no planeta.

Os efeitos da degradação ambiental não podem ser tratados sem que se combatam as suas causas. O capitalismo moderno deu à luz o consumismo, o qual criou raízes profundas entre as pessoas. O consumismo tornou-se a principal válvula de escape, o último reduto de auto-estima em uma sociedade que está perdendo rapidamente a noção de família, de convivência social, e em cujo seio a violência, o isolamento e o desespero dão sinais alarmantes de crescimento (PENNA, 1999, p. 216).

O grande desafio atualmente está em combater o consumismo visto que a sociedade é extremamente dependente deste consumo para manter suas atividades produtivas, seus trabalhadores empregados, seus sistemas financeiros e acima de tudo seus lucros e seus interesses políticos.

3. Método de pesquisa

O presente estudo realizou pesquisa bibliográfica em materiais publicados que versam sobre desenvolvimento industrial e os impactos socioambientais oriundos da atividade industrial. A pesquisa foi motivada pela realidade observada cotidianamente dos impactos socioambientais gerados pela Companhia Siderúrgica Nacional, inspirada no trabalho de Karl Polanyi e foi orientada pela análise da percepção dos moradores da cidade de Volta Redonda sobre a CSN acerca dos aspectos do desenvolvimento econômico e dos impactos ambientais.

Desta forma, os procedimentos metodológicos foram executados em dois momentos.

No primeiro, ou seja, no momento referente à pesquisa bibliográfica, tratou-se de refletir sobre quais foram os principais fatores de mudança da sociedade que alteraram a relação do ser humano com o meio ambiente de forma a afetar suas condições de vida e das gerações seguintes. Afinal:

Que “moinho satânico” foi esse que triturou os homens transformando-os em massa? Quanto pode se atribuir, como causa, às novas condições físicas? E quanto se pode atribuir às dependências econômicas, que funcionavam sob novas condições? Qual foi o mecanismo por cujo intermédio foi destruído o antigo tecido social e tentada, sem sucesso, uma nova integração homem-natureza? (POLANYI, 2000, p. 51).

Buscando responder a este questionamento, realizou-se uma revisão de literatura sobre áreas de pesquisa como industrialização, sociologia econômica, capitalismo e impactos socioambientais. Tal revisão seguiu a sugestão de Beaud (1987), a respeito da seleção das referências bibliográficas. A pesquisa se iniciou com base em referências pioneiras que são os trabalhos de Karl Polanyi, A. Gerschenkron, Michele Cangiani, Karl Marx. A partir destas obras foi possível encontrar novas fontes bibliográficas de grande relevância dentro da temática.

No segundo momento, correspondente ao trabalho de campo, considerou-se como fonte primária a aplicação de um questionário semiaberto para a realização da coleta de dados

necessária para alcançar o objetivo da pesquisa. De acordo com Gil (2008, p.121), o questionário é uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Compreendendo as perguntas: 1- Você trabalha ou mora com alguém que trabalhe na CSN. 2- Indique um fator positivo que a CSN agrega para a cidade de Volta Redonda. 3- Indique um fator negativo que a CSN agrega para a cidade de Volta Redonda; O questionário de três perguntas objetivas e coerentes com o propósito da pesquisa, foi aplicado conforme a lógica de saturação.

De acordo com Glaser e Strauss (1967) a técnica de saturação é aplicada quando nenhum dado adicional possibilita ao pesquisador acrescentar propriedades a uma categoria investigada. Assim, os autores reforçam que o fechamento amostral por saturação teórica leva à suspensão da inclusão de participantes quando os dados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição (Glaser e Strauss, 1967).

Para assegurar representatividade a amostra, o questionário foi aplicado entre os dias 12 e 13 de setembro de 2018, em três diferentes pontos da cidade e em horários distintos, sorteando de forma aleatória cinco pessoas em cada local para responder ao questionário, observando o ponto de saturação e respeitado o acréscimo de aplicações necessárias para comprovação do ponto de saturação.

Os critérios para a seleção dos participantes foram a livre concordância na participação da pesquisa e ser morador da cidade de Volta Redonda há pelo menos um ano.

4. Análise dos resultados

O questionário realizou uma abordagem clara e direta quanto ao vínculo econômico do participante da pesquisa em relação à Companhia Siderúrgica Nacional, onde 46,67% dos participantes declararam trabalhar ou residir com alguém que trabalhe na CSN enquanto 53,33% dos participantes declararam não possuir vínculo empregatício direto com a Companhia.

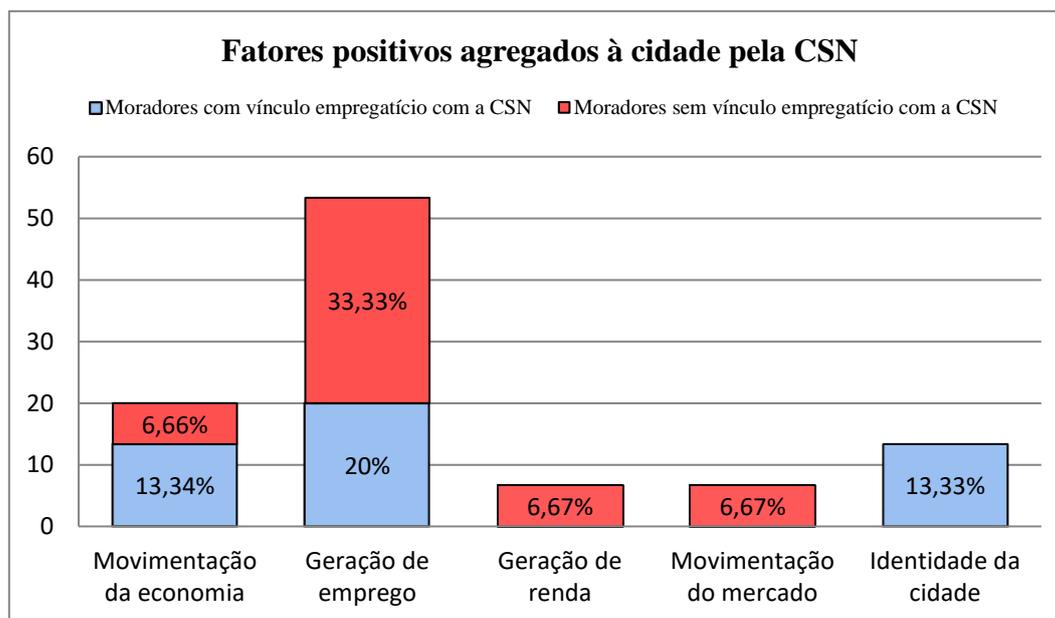


Figura 1. Gráfico dos fatores positivos indicados pelos moradores

A seguir, pretendeu-se avaliar a percepção do morador com relação aos fatores positivos que a CSN agrega ao município de Volta Redonda. A geração de emprego foi o fator mais citado, indicado por 53,33% dos participantes, sendo que a grande maioria dos respondentes não possui vínculo empregatício com a Companhia.

A movimentação da economia foi citada por 20% dos participantes e neste caso, a maioria dos respondentes que indicou este fator possui uma relação de vínculo empregatício com a Siderúrgica.

O fator de identificação da CSN com a cidade, que é conhecida como Cidade do Aço, foi citado por 13,33% dos participantes, todos estes participantes com vínculo econômico com a Companhia.

E com 6,67% de citações a geração de renda e a movimentação do mercado ficaram empatadas e foram citados somente por participantes sem nenhum vínculo empregatício com a Siderúrgica.

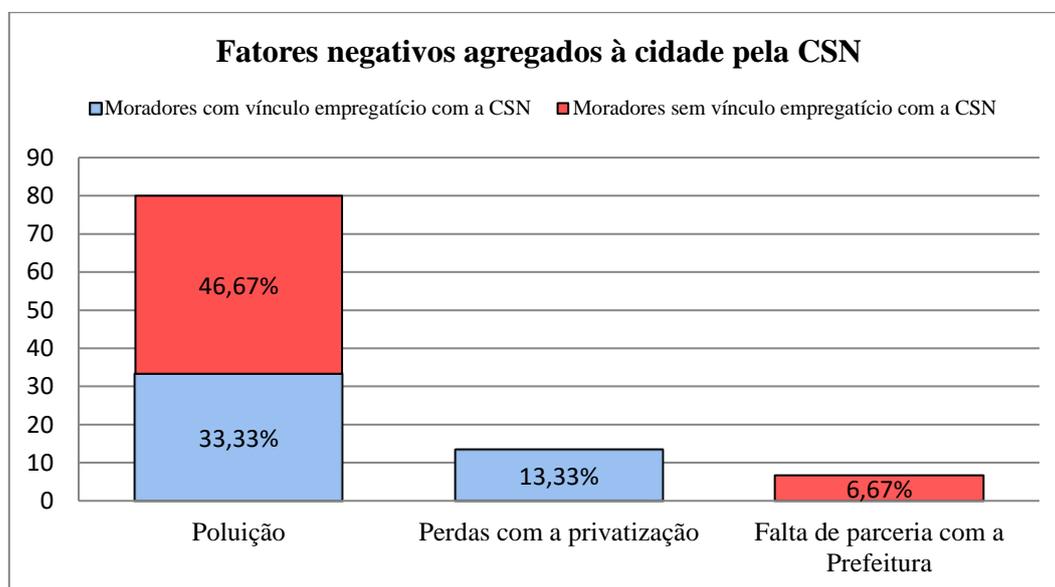


Figura 2. Gráfico dos fatores negativos indicados pelos moradores

Para avaliar a percepção dos moradores sobre os fatores negativos que a CSN agrega ao município de Volta Redonda, 80% dos participantes indicaram a poluição, sendo que destes a grande maioria não possui vínculo econômico com a Companhia.

Em seguida foram citadas as perdas com a privatização, somando 13,33%, sendo essas respostas todas provenientes de pessoas com vínculo econômico com a Companhia.

E por último, o fator com 6,67% de citações foi a falta de parceria com a prefeitura da cidade, totalmente citado por pessoas sem vínculo empregatício com a Siderúrgica.

5. Conclusões

Diante do exposto, foi possível concluir que apesar de quase metade dos participantes da pesquisa possuírem dependência econômica em relação à Companhia Siderúrgica Nacional, os fatores negativos são mais homogêneos e a questão ambiental é a grande agregadora negativa para os moradores da cidade. A poluição provocada pela Siderúrgica foi fortemente citada, abrangendo 80% do total das respostas, sendo que deste total de respondentes, 58,33% não possui vínculo com a Companhia.

Por parte dos participantes com dependência econômica da Companhia, houve também a referência às perdas para a cidade com a privatização, que inclui vários imóveis e terrenos espalhados pela cidade que passaram a ser de propriedade da Siderúrgica no ato da privatização. 13,33% dos participantes indicaram este fator, sendo 100% destas respostas provenientes de dependentes econômicos.

No que tange a percepção positiva, os índices foram menos expressivos por se dividirem em mais categorias citadas, porém a geração de empregos ainda é o grande fator positivo agregador para a cidade na percepção dos moradores, com 53,33% do total de respostas. Deste total, 62,50% dos respondentes não possui vínculo empregatício com a Companhia.

A movimentação da economia é o segundo fator positivo mais citado com 20%, ocorre como um desdobramento dos empregos gerados direta e indiretamente e também dos impostos arrecadados para a cidade. Deste total de respondentes, 66,67% tem vínculo econômico com a Companhia.

Com 13,33% foi citada a identificação da cidade com a Siderúrgica, visto que a cidade é conhecida como Cidade do Aço, o time de futebol é apelidado de Voltaço, ou seja, sempre há uma referência ao aço produzido pela Companhia. Este fator foi totalmente citado por participantes com vínculo econômico com a Siderúrgica.

Finalmente, 6,67% de citações a geração de renda e a movimentação do mercado ficaram empatadas, sendo 100% citadas por participantes sem vínculo com a Companhia Siderúrgica.

6. Referências

BEAUD, M. **L'art de la thèse**. Paris: Éditions La Découverte, 1987.

BEZERRA, Gustavo. Sindicalismo ajustado ao neoliberalismo: os metalúrgicos do Sul Fluminense. **Cadernos do CRH** (UFBA), v. 30, p. 371 – 387, 2017.

CANGIANI, Michele. A teoria institucional de Karl Polanyi: a sociedade de mercado e sua economia “desenraizada”. In POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN). Disponível em: <<http://www.csn.com.br>>. Acesso em 12 set. 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIÁRIO DO VALE. **CSN pode ser obrigada a fechar usina de Volta Redonda**. Disponível em: <<https://diariodovale.com.br/tempo-real/orgaos-estaduais-dao-dez-dias-para-csn-encerrar-atividades/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FOLHA DO AÇO. **Fora de controle: CSN e Harsco são notificadas para reduzir escória no Brasilândia**. Disponível em: <http://www.folhadoaco.com.br/uploads/admin/edicao/arquivo/209/Jornal_Folha_do_A%C3%A7o_-_Ed._375.pdf>. Acesso em 30 ago. 2018.

GERSCHENKRON, A. O atraso econômico em perspectiva histórica. In: Gerschenkron, A. **O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLASER, G.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine de Gruyter; 1967.

LIMA, Raphael Jonathas da Costa. CSN e Volta Redonda: uma relação histórica de dependência e controle. In **Política e Sociedade**. Vol 12, no 25, Set/Dez 2013, p. 41-64.

MARX, Karl; **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Verônica Macário de; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Contemporaneidade do consumo sustentável e as correlações com as práticas empresariais e o comportamento do consumidor. In: **Encontro Nacional da ANPPAS**. Florianópolis, 2010.

PENNA, Carlos Gabaglia. **O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTALVR. Disponível em: <Portalvr.com>. Acesso em: 10 set. 2018.